

Conferência do Clima "O Planeta não tem Plano B"

A IGTN esteve presente no Klimafórum – Fórum Paralelo à Conferência do Clima em Copenhague – COP15, onde realizamos a oficina "*Climate, Trade and Development from a Gender Perspective*" (Clima, Comércio e Desenvolvimento sob uma Perspectiva de Gênero). Marta Lago, representando a Secretaria Global da IGTN, apresentou uma visão geral das relações entre os Tratados de Livre Comércio (TLCs), desenvolvimento e gênero, chamando a atenção para o fato de que as mudanças climáticas aceleradas, causadas por um sistema de produção e consumo ilimitados, trazem injustiça ambiental – as regiões e os povos mais pobres, dos quais 70% são mulheres, sofrem desproporcional e cruelmente os impactos deste sistema. Em seguida, Norma Maldonado, da IGTN América Latina, apresentou o filme "*As Mulheres e as Mudanças Climáticas*", que mostra o trabalho que vem desenvolvendo com mulheres na Guatemala.

A grande mobilização das organizações da sociedade civil neste evento, tanto do Norte quanto do Sul Global, aponta para a necessidade urgente de mudanças no modo de produção atual.

GT Gênero da REBRIP

Durante o Seminário *Política Externa do Brasil e Modelo de Desenvolvimento: Um Balanço da Política Externa da Era Lula e Perspectivas para a nossa atuação*, organizado pela REBRIP em novembro último, no Rio de Janeiro, foi realizada reunião do GT Gênero da Rede. Foram discutidas propostas de projetos, bem como articulações dos estudos de caso com as atividades do Fórum Social Pan-amazônico a ser realizado proximo em Santarém. O Programa de

Formação em Macroeconomia sob uma Perspectiva de Gênero será mantido em 2010, continuando a atuar em nível nacional.

Enlaçando Alternativas UE/AL

Entre os dias 15 e 18 de novembro, a Rede Bi-regional Europa-América Latina e Caribe organizou uma Semana de Atividades e Ações em Bruxelas: "De Lima a Madri: Desmantelando o poder das Transnacionais". Este Encontro se realizou com o objetivo de avançar nos preparativos da próxima Cúpula Enlaçando Alternativas IV, que será realizada em forma simultânea a mais uma Cúpula União Européia / América Latina e Caribe, que acontecerá em Maio de 2010 em Madri – Espanha.

A proposta era discutir as relações econômicas entre os continentes, observando a predominância do poderio das transnacionais européias nas Américas, baseadas numa relação histórica de submissão e saqueio, para em um diálogo político entre organizações e movimentos sociais, buscar construir e alternativas solidárias entre os povos de ambas regiões.

OMC: mais do mesmo

Durante o ano de 2009, o debate e as ações em torno da crise global atual, em todas as suas dimensões (econômica, financeira, ambiental, social, de alimentos, entre outras) foram o centro de muitas atenções.

Anos de liberalização e desregulamentação do setor, impostas principalmente pelo GATS (Acordo de Comércio e Serviços na OMC) deixaram os grandes bancos e companhias de seguros, entre outros, livres de qualquer intervenção ou controle dos Estados. Livres para se "auto-regular",

provocando uma das maiores crises da história recente. Foi neste contexto econômico e político internacional que aconteceu a VII Ministerial da OMC, que, já sabemos, busca aprofundar o modelo de livre comércio com mais liberalização em todos os setores, em evidente contradição com as óbvias necessidades de regulação, tão proclamadas pelo G20.

Outro claro interesse nesta Ministerial era avançar nas negociações sobre serviços financeiros e ambientais, de modo a permitir tanto a recomposição do sistema financeiro global, promovida pelo G20, quanto facilitar o “negócio” em que se está convertendo o clima através dos mercados de carbono e das tecnologias limpas. No entanto, e aparentemente, tampouco essas negociações prosperaram.

Enfim, pelos motivos apontados de forma geral, a 7ª Ministerial em Genebra terminou como esperado: sem avanços, embora tratasse de evitar a óbvia perda de relevância da OMC dentro do sistema internacional.

Neste contexto, continua sendo imperioso e prioritário acompanhar as negociações na OMC. Não podemos nos contentar com seu enfraquecimento, já que isto não significa que a agenda corporativa liberalizante esteja paralisada. Ao contrário, ela continua, inclusive de forma mais agressiva, via acordos bilaterais ou regionais.

Assim, os movimentos sociais devemos continuar resistindo à agenda do livre comércio e torna-se fundamental continuar desenvolvendo nossas alternativas superadoras da atual divisão internacional do trabalho.

O Mercosul vai mal, porém os povos da região reafirmam a necessidade da integração.

“A crise não é um fenômeno natural, não é um terremoto, existe aí a construção de um processo”. Estas palavras, mencionadas por Pedro Paez no

Seminário “Crise econômica, finanças e desenvolvimento: Visões e propostas desde América Latina e Caribe” marcaram o tom das críticas sobre a crise global que afetou a conjuntura internacional este ano e que teve forte impacto na América Latina. O Seminário foi realizado nos dias 10 e 11 de dezembro na cidade de Montevidéu, Uruguai, coincidindo com a realização da XXXI Cúpula de Chefes de Estado do Mercosul.

Durante o Seminário, vários palestrantes destacaram as repercussões da crise global na região e a necessidade de aprofundar a integração regional diante dela. Muitas foram as críticas ao processo que vive atualmente o Mercosul. Ele se encontra paralisado, poucos são os esforços para avançar na integração – sobretudo agora que Brasil e Argentina foram convidados para participar do G20 financeiro e estão apoiando a recuperação da arquitetura financeira internacional.

A região tem visto o aprofundamento do modelo econômico exportador de matérias primas e recursos naturais e aos governos progressistas, ampliar a distribuição de renda, baseados nos excedentes produzidos por este modelo. Porém agora, com a queda das exportações, fica cada dia mais evidente que só um novo modelo produtivo e o fortalecimento dos mercados internos e do mercado regional podem ser a resposta que os povos da região buscam e lutam para construir.

A Aliança Social Continental realizou também simultaneamente (nos dias 12 e 13 de dezembro) uma reunião ampliada de sua coordenação, onde reafirmou o compromisso com os avanços do processo de integração regional alternativo e definiu seu plano de trabalho, que permitirá em 2010 continuar a articulação das lutas continentais em defesa da soberania dos territórios e dos povos das Américas.

Boletim elaborado pelo Instituto Equit – Gênero, Economia e Cidadania Global
Para assinatura ou cancelamento: lucia@equit.org.br
Para ler os boletins anteriores acesse: www.equit.org.br
Editora responsável: Lucia Santalices